

Demandas e Urgências da Formação Teológica no Terceiro Milênio

Valdomiro Dockhorn

Primeiramente quero expressar a minha satisfação de estar aqui com todos vocês e compartilhar, neste aniversário significativo da Faculdade de Teologia, algumas constatações e algumas sugestões. Em segundo lugar, quero dizer que a função pastoral é uma atividade complexa no contexto da nossa sociedade. Ela exige conhecimento, vocação, liderança e determinação para a mensagem do evangelho.

Nós temos sinais muito positivos de desempenhos pastorais em nossa Igreja. São pequenos sinais que se transformam em grandes esperanças. São luzes no caminho, são sementes que germinam o novo trazendo respostas para a realidade. Refiro-me ao trabalho do Instituto de Capacitação Teológica Especial (ICTE) e também a iniciativas das regiões eclesiais, em especial às comunidades da RE VI, que têm caminhado no sentido de motivar e desafiar a participação leiga em todas as ações da comunidade.

Hoje, nós temos que dizer aos pastores que as comunidades não têm projetos para sua ação de missão neste mundo. Temos que dizer que essas comunidades estão em crise, porque ter plano de cultos, assumir um tema, um lema, ainda não significam projetos. Há que se perguntar: qual o projeto da comunidade? E não o projeto do pastor. Qual a missão da comunidade? Afinal, perguntar-se o que é comunidade cristã em nosso contexto.

O projeto ou os projetos precisam nascer no berço da comunidade, precisam oportunizar espaço, envolvimento, idéias, engajamentos, mudanças... E, se não temos isso, se não temos projetos, não temos planejamento de comunidade. A falta de planejamento é algo comum para nós brasileiros. Alguém fará por nós... Somos fruto de um paternalismo que precisa ser rompido pela ação. Ainda acontece que, por vezes, temos projetos e não temos comunicação, e então o barco vai conforme o vento. Estamos, sim, em crise de projetos, e isto significa estar em crise de visão do que realmente queremos. Esta é uma constatação que temos que enfrentar com urgência. É preciso saber por onde e para onde caminhar. É necessário desvincular-se da acomodação, da “Igreja da rotina”, da “Igreja do consumo”.

Outro aspecto a considerar é a mudança de paradigmas em relação à pregação. Nós estamos vivendo um “cidadão novo”, uma pessoa que está superando o conformismo e também o ativismo para uma cidadania de interação. Na verdade, trata-se de uma nova busca de identidade individual. Se a pregação não considerar

este cidadão, esta nova busca, esta necessidade de interação, ela não atingirá o seu objetivo. Talvez a pastoral da pregação devesse considerar mais esta dialética do ser humano que é justo e, simultaneamente, pecador. Talvez, sem entrar no mérito da questão, algumas seitas “explorem” muito mais este aspecto. Mas pensamos que temos que considerar essa dialética do ser humano justo e pecador no sentido de se trabalhar as suas necessidades, a sua espiritualidade, as suas emoções, os seus projetos de vida. A não-consideração desta realidade significa uma fuga dos prazeres e dissabores, das alegrias e das tristezas, das esperanças e das desesperanças da vida em seu dia-a-dia.

Pensamos que a prática pastoral tem que espelhar uma capacidade de liderança. Uma liderança tal que, na comunidade, seja capaz de construir novas lideranças, num processo permanente e constante. O pastor e a pastora devem ter a consciência de que sozinho ninguém constrói. Devem ter uma visão de investimento nas pessoas da comunidade, uma leitura de mundo alicerçada na microrrelação social entre as pessoas batizadas, mas também uma macrovisão de cristão e cidadão para os desafios universais da realidade de globalização.

Agora, a questão é: qual é a nossa visão de Igreja? qual o nosso projeto de comunidade em nosso contexto? Qual é nossa liderança na comunidade? Ela é diretiva? Acomodadora? Ou é de construção de alternativas, de possibilidades, de convites, de criatividade, de novas metodologias, de novos paradigmas? Não é o pastor, a pastora que irá fazer isto acontecer, mas é a comunidade que assumirá, a partir de uma nova visão de interação, o seu próprio projeto de comunidade neste mundo.

Apesar de termos exemplos alentadores em nossa Igreja, temos observado que, não raro, pastores reclamam da sobrecarga de atividades nas comunidades, mas insistem em “carregar” tudo sozinhos, isto é, não repartem tarefas. A comunidade atrofia aos poucos e, por vezes, apresenta evidentes limitações em termos de alternativas, em termos de uma pedagogia diferente, inovadora, mais envolvente no sentido de vivermos a fé, a comunhão da comunidade. É uma limitação em conseguir cativar para um engajamento maior. Pastores preferem atuar com base em projetos pessoais, e não se vive na comunidade um projeto participativo e fonte de projetos comunitários. Em um projeto participativo, gostaríamos de sublinhar, entra muito essa sensibilidade da liderança pastoral no sentido de ouvir e perceber. Não raro, os líderes instituídos são os que impedem avanços promissores na comunidade. Há certo medo de perder a autoridade. Mas que autoridade é esta que abafa, que inibe iniciativas da comunidade? Que autoridade é esta que não entende projetos que nascem nos próprios concílios onde as comunidades têm vez e voz? Projetos e desejos pessoais não podem se sobrepor aos anseios da comunidade.

Percebemos uma falta de atualização dos pastores que insistem numa rotina de ofícios. Há falta de vontade de participar de atualizações constantes. Pensamos que a formação do pastor, além da teologia, tem que contemplar mais a sociologia e a psicologia para poder entender a pessoa e a sociedade e exercitar lideranças.

Também faltam entre nós um aprender de colega para com colega, um aprender com a comunidade, com os membros, um aprender entre os ministérios. Tudo isto gera uma distância para compreender e caminhar na concretização de objetivos na comunidade. Quando monopolizam o exercício de tarefas, na verdade atrofiam a vida na comunidade, e ela passa a vegetar num processo de acomodação e indiferença. Desta forma, a expectativa da comunidade em relação ao seu pastor e, em especial, na substituição do pastor é a de saber se vai dar ou não continuidade ao conformismo.

Certamente não esgotamos o assunto aqui. Certamente não temos receitas prontas para essa missão que é da Igreja de Jesus Cristo neste mundo. O que temos são desafios que nos inquietam, temos caminhos possíveis com uma efetiva participação.

Finalizamos citando Mário de Andrade: “O passado é a lição para se meditar, não para reproduzir.” Se o passado é para meditar, cito Cícero, que há dois mil anos apontava as falhas mais comuns do ser humano: a ilusão de que os triunfos pessoais são alcançados à custa da diminuição dos outros; a tendência de pensar que algo é impossível se não o posso conseguir; a tentativa de compelir os outros a pensar e viver como eu.

Que mundo queremos neste mundo? Onde estamos? O que queremos e como vamos fazer? É um desafio, uma proposta, uma metodologia, um projeto por nascer que nós temos que desenvolver e construir em conjunto. Que Deus nos abençoe nesta missão.